

Volume
XVI

1º SEMESTRE DE 2019

ISSN 2237-3586

**Tessitura gótica no conto “At Chênrière Caminada”,
de Kate Chopin**

Rosemary Elza FINATTI⁴²

Resumo

O presente artigo propõe uma análise do conto “At Chênrière Caminada”, de Kate Chopin, a partir de uma tessitura gótica revelada por meio de uma atmosfera trágica e pela presença da fantasmagoria, mostrando como tais elementos envolvem as instâncias narrativas através da manifestação do sublime, da ambientação de terror e da temática da morte trágica das personagens. Para tanto, a análise terá como fundamentação teórica a concepção de Edmund Burke acerca do sublime e as considerações de Fred Botting sobre a ambientação gótica que envolve a narrativa. Assim, intenciona-se encontrar traços da ficção de terror em um conto que, aparentemente, tem como pano de fundo a cor local e a história de um amor impossível, porém, com significados ocultos e profundamente enraizados no fazer literário notadamente crítico de Kate Chopin.

Palavras-chave: Kate Chopin. At Chênrière Caminada. Literatura Gótica.

Abstract

The present article proposes an analysis of the short story “At Chênrière Caminada”, by Kate Chopin, from a Gothic framework revealed by means of a tragic atmosphere and by the presence of phantasmagoria, showing how such elements involve the narrative instances through the manifestation of the sublime, the terror atmosphere and the theme of the tragic death of the characters. For this purpose, the analysis will have as theoretical foundation the conception of Edmund Burke about the Sublime, the considerations of Fred Botting on the Gothic setting that surrounds the narrative. Thus, it intends to find traces of the horror fiction in a tale that, apparently, has as its background the local color and the history of an impossible love, however, with some hidden and deeply rooted meanings in the notably critical literary work of Kate Chopin.

⁴² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp – Araraquara, SP. Professora de Língua Inglesa da Secretaria Estadual de Educação. CEP 15910-000. E-mail: rosefinatti@gmail.com.

Keywords: *Kate Chopin. At Chênrière Caminada. Gothic Literature.*

Introdução

A literatura gótica emerge em 1764, com a publicação do romance *O castelo de Otranto*, de Horace Walpole, obra que proporcionou pela primeira vez o encontro entre o terror e o gênero literário romance. O Gótico surge como modalidade literária que perturba o imaginário do leitor, que utiliza o medo como elemento estético para desarticular e lançar um olhar crítico sobre a racionalidade dos iluministas. Nesse viés desarticulador da ficção gótica, “é notável que uma das principais linhas da história e da tradição góticas tenha sido estabelecida por mulheres escritoras” (ROSSI, 2015, p.67, tradução nossa).⁴³

1. Figurações góticas na escrita chopiniana

Kate Chopin, uma das principais autoras do Realismo estadunidense, trilhou os caminhos sombrios do Gótico como forma de crítica social por meio de um fazer literário que causou incômodo e inquietação na sociedade de sua época. Suas obras romperam padrões impostos pela cultura patriarcal e desarticularam conceitos até então inabaláveis. Incômodo, inquietação e desarticulação são características presentes na fortuna crítica da autora e tais características também são recorrentes do *modus operandi* da literatura gótica. Neste percurso das Trevas, o conto “Desirée’s baby” (1893) apresenta uma das histórias mais trágicas escritas por Kate Chopin e ocupa um lugar representativo do gênero gótico americano. A obra-prima da autora, *O despertar* (*The Awakening*, 1899), mais precisamente o décimo-terceiro capítulo, apresenta “um lado sombrio e perigoso da existência, um lado regido por forças incontroláveis e malignas” (ROSSI, 2013, p.1), revelando que o multiverso ficcional chopiniano aborda os mais recônditos temas do imaginário e da natureza humana. Além do viés crítico, Kate Chopin utiliza a maquinaria gótica para engendrar e subverter significados.

Entre a publicação das duas obras supracitadas, segundo Emily Toth e Per Seyersted (1999, p.159), em 1893 a autora escreve o conto “At Chênrière Caminada” e o

¹ “[...] it is notable that one of the Gothic history and tradition was established by women writers”.

envia para uma renomada revista da época, a *Atlantic Monthly*; contudo, a revista o rejeita por considerar o tema da cor local clichê demais para agradar aos leitores. Em 23 de dezembro de 1894, o conto foi publicado pela primeira vez no jornal *Times-Democrat de New Orleans*, como uma história de natal intitulada “Tonie” (TOTH, SEYERSTED, 1998, p.167). Posteriormente em novembro de 1897, passou a integrar a coletânea de vinte e um contos intitulada *A night in Acadie*, publicada pela editora Way e Williamns, de Chicago. Segundo Per Seyersted (1980, p. 73), enquanto Kate Chopin escrevia sua obra-prima, a coletânea *A night in Acadie* finalmente é publicada. Pode-se deduzir que tanto o cenário como alguns personagens de “At Chênrière Caminada” inspiraram a autora na composição do romance, pois esse conto dialoga com *O despertar* ao introduzir personagens e lugares comuns às duas obras: Tonie e sua mãe, madame Antoine; Claire Duvigné, que é mencionada no capítulo V do romance; madame Lebrun e sua pensão em Grand Isle; além da ilha Chênrière Caminada e a igreja de Nossa Senhora de Lourdes.

2. A paixão em um templo das trevas

O conto em questão narra a história de um pescador, Antoine Bocaze, que vive um momento epifânico na igreja de Nossa Senhora de Lourdes ao deparar-se pela primeira vez com a bela Claire Duvigné tocando uma música durante a missa. Em uma manhã quente de domingo, todos se surpreendem com o som da melodia tocada pela organista que acompanhava a oração do credo. Naquele momento, Tonie e os fiéis sentiram como se “[...] algum ser divino havia baixado à Igreja de Nossa Senhora de Lourdes e escolhido uma forma celestial de se comunicar com os fiéis” (CHOPIN, 2011, p.91). A partir dessa epifania, o protagonista transforma-se em um homem obcecado por Claire a ponto de vagar pelas ruas sem rumo, sentir-se alheio a tudo o que acontece ao seu redor e não conseguir retomar seus afazeres cotidianos sem que a imagem da jovem lhe assombre os pensamentos. Na manhã seguinte, o pescador tenta em vão consertar seu barco para ir à Grand Isle com o intuito de perseguir à distância os passos de sua amada. Com a ajuda de um amigo que consertou o seu lugre de vela vermelha, Tonie dirige-se à pensão de madame Lebrun a procura de Claire. E assim ele passou os dias e as noites de verão em Grand Isle sem se preocupar com sua mãe e seu ofício na ilha Chênrière Caminada, obcecado por observar cada movimento da jovem

garota, que estava quase sempre acompanhada de outros homens também encantados por ela.

Em um dado momento, mademoiselle Duvigné notou pela primeira vez a presença de Tonie, e começou a conversar com ele depois de perceber a maneira apaixonada com que ele a olhava. Para a jovem organista, que adorava despertar a paixão dos rapazes ao seu redor, não havia nada mais interessante do que ser objeto de devoção de um homem. Porém, as badaladas do sino da igreja interromperam o momento em que eles estavam a sós, pois Claire decide ir embora porque já estava anoitecendo. No píer, ele ajuda sua amada a sair do barco e o toque em suas mãos reacendeu a chama do sangue do pescador. Como forma de pagamento, ela lhe entrega uma corrente de prata, propositalmente para provocá-lo. Ao vê-la se afastando, ele é acometido de um terrível arrependimento por não ter aproveitado o momento em que eles estiveram sozinhos. Tonie, que nunca havia se apaixonado antes, estava completamente envolvido pela obsessão de um sentimento que lhe causa aflição, justamente por ser um amor irrealizável por causa das barreiras sociais. Ela era filha de um famoso advogado de New Orleans, e ele, um humilde pescador de Chênrière Caminada.

A paixão de Tonie nasce envolta ao sagrado, durante a celebração de uma missa, no momento em que observa a organista como “aquele ser celestial, que Nossa Senhora de Lourdes uma vez oferecera à sua imortal visão” (CHOPIN, 2011, p.99). Entretanto, o sentimento arrebatador ocorre em uma atmosfera das Trevas, por se tratar de uma igreja gótica, o que denota “a sutilíssima ironia chopiniana ao transformar uma igreja de Nossa Senhora de Lourdes, a persona da Virgem Maria relacionada à Luz, em um templo gótico, uma habitação das Trevas” (ROSSI, 2011, p. 188). Considerando a simbologia da igreja gótica, pode-se presumir que uma história de amor em um templo das Trevas não poderia ter um final feliz.

3. Um diálogo entre “At Chênrière Caminada” e “Wiser than a God”

O multiverso ficcional de Kate Chopin é marcado por mulheres revolucionárias, dotadas de uma identidade ousada, independente e questionadora em relação aos valores patriarcais atribuídos à condição feminina. Nesse sentido, as personagens Claire Duvigné e Paula Von Stoltz de “Wiser Than a God” (1889), primeiro conto publicado

pela autora, assemelham-se por serem belas, corajosas e por dedicarem-se à música. Paula é uma jovem pianista que recebe uma proposta de casamento e, apesar de sentir-se atraída por George, atende ao chamado da música que, para ela era mais importante do que a própria vida. Paula decide seguir a carreira de pianista por atribuir ao casamento e à maternidade a negação de seus sonhos profissionais.

A música aproxima Claire e Paula por simbolizar liberdade e evocar a livre expressão dos sentimentos. Além disso, a música desperta experiências sinestésicas e transcendentais em alguns personagens de ambos os contos, uma vez que

Nessas histórias alguns de seus personagens são fisicamente e psicologicamente transformados por seu envolvimento sensorial com a música. Portanto, a música não apenas proporciona uma sensação poderosa, como também uma espécie de caminho cognitivo através do qual outras experiências sensoriais são aprimoradas[...] (GIL, 2015, p. 86, tradução nossa)⁴⁴

Em “Wiser Than a God”, a carreira musical determina o caminho de autorrealização da protagonista, sobretudo porque a música significa para ela muito mais do que uma simples distração, pois corre como o sangue em suas veias, é mais importante do que a riqueza e até mesmo do que o amor (CHOPIN, 1988, p. 46, tradução nossa)⁴⁵.

No conto “At Chênrière Caminada”, as notas musicais tocadas por Claire invadem a igreja e desencadeiam revelações e sensações únicas em Tonie a ponto de transformar o seu destino. Envolvido pela doce melodia do ângelus, o pescador apaixonou-se perdidamente pela organista e passa a viver em função desse sentimento.

4. A manifestação do sublime

Ao vivenciar sensações de encanto e assombro diante da organista, Tonie é tomado de uma certa perturbação diante de uma entidade que ele considera pertencer a outras esferas, ao sobrenatural propriamente dito, pois, para ele, Claire representa um

⁴⁴ “In these stories, some of her characters are physically and psychologically transformed by their sensorial involvement with music. Therefore, music provides not only a powerful sensation but a sort of cognitive path through which other sensory experiences are enhanced [...]”.

⁴⁵ “Is music anything more to you than the pleasing distraction of an idle moment? Can't you feel that with me, it courses with the blood through my veins? That it's something dearer than life, than riches, even than love?”

ser celestial dotado de uma grandiosidade que confere a ele a percepção de sua pequenez. Envolvido por um deslumbramento que a imagem da organista lhe causou, a sua existência é regida pela força de um sentimento que ele até então desconhecia, sensação que pode ser compreendida como “o produto da emoção mais forte que a mente é capaz de sentir” (BURKE, 1990, p.33, tradução nossa)⁴⁶. Ao deparar-se com a beleza de Claire, com a angelitude que a envolve, Tonie simplesmente não consegue mais ser o mesmo e torna-se completamente obcecado por ela, sendo subjugado por algo que o perturba de uma maneira arrebatadora a ponto de “Todo o seu universo parecia ter se convertido, de repente, em um fascinante pano de fundo para a pessoa de mlle. Duvigné e os vultos obscuros dos homens ao seu redor” (CHOPIN, 2011, p. 96). Assim, pode-se considerar que esse estado de alma do protagonista é regido pela manifestação do sublime, pois “Neste caso, a mente está tão preenchida de seu objeto que não pode entreter-se com outro nem raciocinar sobre aquele que a ocupa” (BURKE, 1990, p.33, tradução nossa)⁴⁷.

O pescador é consumido por uma paixão incontrollável, que o domina a ponto de querer perseguir sua amada, mesmo sem esperança de que seus sentimentos sejam correspondidos. Esse fascínio que a figura de mlle. Duvigné desperta em Tonie está relacionado a um dos efeitos da paixão causado pelo sublime uma vez que “Essa é a origem do poder do sublime, que, longe de resultar de nossos raciocínios, antecede-os e nos arrebatava com uma força irresistível”. (BURKE, 2013, p.65).

5. Imagens femininas de anjo e monstro: a sereia que encantou o pescador

Tonie associa a imagem de sua amada a um ser celestial que apareceu na igreja ao som do ângelus. Entretanto, o narrador esclarece que Claire Duvigné não era um ser de outras esferas, mas uma bela jovem de Grand Isle de olhos azuis e cabelos castanhos. A partir desta constatação, pode-se conjecturar que Kate Chopin utiliza-se dessa representação discrepante da personagem – como um ser celestial sob o olhar de Tonie e como uma jovem comum sob o ponto de vista do narrador – como uma crítica à cultura patriarcal, que considera dois extremos para classificar as mulheres: ou anjo, ou

⁴⁶ “It is productive of the strongest emotion, with the mind is capable of feeling”.

⁴⁷ “In this case the mind is so entirely filled with its object, that it cannot entertain any other, nor by consequence reason on that object which employs it”.

monstro. Tal dualidade foi conceituada pelas autoras Sandra Gilbert e Susan Gubar na obra *The Madwoman in the Attic* ao enfatizarem que “uma escritora deve examinar, assimilar e transcender as imagens extremas de ‘anjo’ e ‘monstro’ que os autores masculinos criaram para ela”⁴⁸ (GILBERT, GUBAR, 1984, p. 17). Segundo Gilbert e Gubar, as características que definem a mulher anjo são submissão, modéstia, passividade, pureza, ou seja, a concepção feminina tão idealizada pela cultura patriarcal que considera essenciais tais atributos. Já as características veementemente combatidas pela sociedade patriarcal estão relacionadas à assertividade e à independência da mulher e, simbolicamente, a face monstruosa feminina “é associada à bruxa, à louca histérica, ao monstro, ao ser maligno que se esconde nos submundos, à Medusa, à *femme fatale*, à sereia, ao dragão, à vampira etc” (ROSSI, 2007, p. 21 - 22).

Para Antoine Bocaze, a personificação da mulher angelical no seu objeto de devoção é representada ao vê-la sozinha, ao imaginá-la sob uma aura mística na igreja e quando ele associa a imagem da personagem à música sacra. Porém, a bela organista figura a mulher monstro que encanta o pescador e atrai todos os homens ao seu redor sobretudo porque Claire é uma mulher sedutora que está sempre acompanhada de outros rapazes. Ao vê-la se divertindo, sentindo-se livre e com a alegria da juventude, Tonie é possuído por um desejo de vê-la morta, como a mulher monstro que não tem lugar na sociedade patriarcal.

Tal concepção pode ser notada quando o narrador revela o lado sombrio do protagonista através da transformação de sua aparência, que vai se deteriorando à medida que ele se entrega à paixão não correspondida, pois enquanto Claire estava viva, a tristeza o consumia, pois “[...], cada vez mais ela morava em seus pensamentos, nutrindo-se de sua energia física e mental, até que a sua condição de infelicidade tornou-se aparente para todos que o conheciam” (CHOPIN, 2011, p.100). Nesse sentido, a bela organista representa a imagem de uma *femme fatale*, uma vampira que suga a energia vital do pescador e, ao saber que Claire Duvigné havia morrido, ele sentiu que sua vida estava recomeçando. A mãe de Tonie percebe nitidamente as mudanças do filho que “tinha voltado a ser como era antes, pois toda a sua força e a sua coragem de antigamente haviam retornado. Mas então ela percebeu um brilho novo em seu rosto, que antes não estava lá” (CHOPIN, 2011, p. 102).

⁴⁸ “[...] a woman writer must examine, assimilate, and transcend the extreme images of “angel” and “monster” which male authors have generated for her”.

A ideia de que Claire representa a mulher monstro que deve ser banida da sociedade patriarcal também é revelada no desfecho do conto, quando Tonie confessa à sua mãe que a morte de sua amada lhe deixou contente, confissão que fez madame Antoine estremecer. Indignada, ela pergunta ao filho a razão desse estranho contentamento e ele responde

– A senhora veja bem, mãe: enquanto ela tava viva eu não podia ter esperança nenhuma [...] – O desespero é a única coisa que eu tinha. Ela tava sempre rodeada de homens. Ela andava e cantava e dançava com eles. Eu sabia o tempo todo, mesmo quando eu não via a moça. Mas eu via ela mais que o suficiente. Eu sabia que mais cedo ou mais tarde, um deles ia agradar ela e ela ia se entregar pra ele... ia se casar com ele. Essa ideia me assombrava como um espírito mau (CHOPIN, 2011, p. 103).

A partir dessa confissão, a face cruel do protagonista torna-se evidente dada a frieza que ele demonstra ao alegrar-se com a morte de mademoiselle Duvigné, a mulher por quem ele, aparentemente, sentia uma paixão arrebatadora. A respeito do comportamento de Tonie, Stein (2005, p. 91) diz que

Ele não tem nenhum remorso em estar alegre diante do extinguir da vida de uma jovem mulher, ao ver a mulher que ele supostamente ama interromper repentinamente todas as possibilidades que a existência poderia ter oferecido a ela⁴⁹.

As possibilidades que Claire teria, caso não tivesse morrido tão jovem, atormentavam o pescador justamente porque ele não fazia parte de tais possibilidades e a ideia de vê-la feliz com outro homem representa para ele um espírito mau que lhe assombrava. Assim, a morte da personagem realizou o seu desejo atroz e egocêntrico, pois, segundo ele, sua amada foi para o lugar onde ela deveria estar. O discurso do protagonista revela seu pensamento insano e macabro, porém ele tenta, arditamente, disfarçar suas intenções perturbadoras ao explicar à sua mãe a razão pela qual a morte de mlle. Duvigné lhe trouxe paz. E o campo semântico que compõe esse discurso remete a elementos simbólicos associados às Trevas como desespero, espírito mau, assombro, tortura e morte.

6. Ambientação gótica em “At Chênrière Caminada”

⁴⁹ “He has no compunction whatever about being joyful at the snuffing out of a young woman's life, at seeing the woman he presumably loves cut off suddenly from all the possibilities that existence might have offered her [...]”.

No que tange ao espaço, a narrativa se desenvolve em um cenário claro-escuro crepuscular, ainda que a paisagem predominante seja de um dia claro e em pleno verão (MARTINS, 2011, p. 206). A ideia articulada nesta imagem contribui para decifrar alguns significados submersos relacionados à ambientação gótica cuja paisagem compõe-se pelas ilhas Chênrière Caminada e Grand Isle, ambas situadas no Golfo do México, e também a igreja de Nossa Senhora de Lourdes. É interessante observar que, na primeira publicação, o conto foi intitulado de *Tonie*. Porém, quando foi publicado na coletânea *A night in Acadie*, o nome da ilha passou a ser evidenciado como título, possivelmente pela relevância do cenário na significação do enredo, uma vez que a figura da ilha representa uma fantasmagoria por evocar isolamento, por estar cercada de água por todos os lados (ROSSI, 2010, p.203).

No que tange à composição do cenário das Trevas, “os horrores são encontrados entre igrejas arruinadas, em paisagens tempestuosas e desoladas” (BOTTING, 1996, p. 69, tradução nossa)⁵⁰. Assim, a ilha e a igreja são espaços comuns à arquitetura gótica presente no conto, e as ruínas se misturam à paisagem paradisíaca. As ruínas são descritas pelo narrador na cena em que Tonie vagava sem rumo de um lado para o outro da ilha, passando por “casinhas [...] cinzentas e danificadas pelo tempo e pelos violentos açoites dos ventos salobres do mar” (CHOPIN, 2011, p.93).

Outro elemento gótico presente no enredo alude ao lugar em que Tonie encontra Claire quando chega em Grand Isle para seguir seus passos. Ela estava reunida com outras moças e rapazes debaixo de uma árvore de carvalho. O carvalho é a árvore da bruxaria. As varinhas e a vassoura da bruxa são feitas de carvalho. As bruxas eram enterradas aos pés da árvore de carvalho⁵¹, e Claire Duvigné, com todo seu coquetismo que seduz e mantém os homens ao seu redor, é a personificação da bruxa, da mulher monstro, da *femme fatale* que enfeitiçou o pescador. Além disso, a própria composição do conto e o período em que foi criado remetem a uma ambientação das Trevas. *At Chênrière Caminada* foi escrito por Kate Chopin entre os dias 21 e 23 de outubro de 1893, três semanas depois do segundo maior desastre natural da história dos Estados Unidos, o grande furacão de 1893, que devastou as ilhas Chênrière Caminada e Grand

⁵⁰ “*Horrors are encountered among ruined churches, in stormy and desolate landscapes [...]*”

⁵¹A simbologia da árvore de carvalho é parte da explanação da aula **Terror & Horror: A Maquinaria Gótica 2**, da disciplina Ficção de terror, do programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, ministrada no primeiro semestre de 2018 pelo Prof. Dr. Aparecido Donizete Rossi, na FCLAr – UNESP.

Isle e matou cerca de duas mil pessoas. Segundo Emily Toth (1999, p.79), a autora reconstruiu o cenário paradisíaco das ilhas “com todas as lembranças da cor local e da atmosfera sensual: o céu, o mar, os pássaros, o amor, a música e a morte, tudo em meio à atmosfera mágica da ilha” (Tradução nossa)⁵². No entanto, não há como recriar toda a beleza natural das ilhas sem que a lembrança do furacão venha à tona. A força incontrolável da natureza transformou o cenário de um paraíso tropical em um *locus horribilis*, marcado pelo horror de uma tragédia de grandes proporções.

Para Ewell e Menke, a atmosfera melancólica do conto está diretamente relacionada à devastação causada pelo furacão de 1893, já que retratava um estilo de vida que quase desapareceu depois da tempestade (GEORGE, 2016, p.31). O narrador faz uma referência indireta ao desastre natural através das recordações da personagem madame Antoine a respeito do tempo em que foi consolada por madame Lebrun, quando o pai e os irmãos de Tonie morreram na Enseada da Baratária, durante uma forte tempestade (CHOPIN, 2011, p. 94). A Enseada da Baratária se localiza a dezoito quilômetros de Grand Isle, também atingida pelo furacão de 1893. Para Janet Beer (1997, p.54), a história narrada em “At Chênrière Caminada” é um tributo em memória à tragédia, pois “a quietude da cena final não é confiável; a imprevisibilidade da tempestade é uma ameaça constante à calma” (Tradução nossa)⁵³.

Dessa forma, pode-se observar que o conto é regido por uma atmosfera ameaçadora, por forças incontroláveis e por uma calma aparente. O momento em que Tonie vê Claire pela última vez revela uma atmosfera obscura metaforicamente representada pela hora crepuscular, pela imagem da personagem envolvida na névoa, pela presença de vultos ao lado dela e também através do desejo de Tonie ver sua amada morrer em seus braços, caso tivesse outra oportunidade de estar a sós com ela.

7. O viés trágico e as representações da morte

A respeito da aura trágica marcada pela recorrência da morte no conto, “as torções semânticas vão tecendo aos poucos uma verdadeira ode ao sentimento amoroso e à morte” (MOSCOVICH, 2011, p. 159). A partir do momento em que o pescador se

⁵² “[...] with all the remembered local color and sensuous atmosphere: the sky, the sea, the birds, love and music and death, all amid the magical atmosphere of the island”.

⁵³ “[...] the stillness of the final scene is not to be trusted; the unpredictability of the storm is an everpresent threat to the calm”.

depara com a presença da organista e sai perturbado da igreja, as representações da morte começam a delinear a atmosfera do conto e, progressivamente, a morte é anunciada em três momentos da narrativa. O primeiro momento é quando Tonie anda perdido pelas ruas e ouve os gritos de uma mulher anunciando que um senhor havia acabado de falecer, como o prenúncio de um trágico e fatal porvir. O segundo momento surge por meio das lembranças de madame Antoine a respeito da morte trágica do pai e dos irmãos de Tonie, que ocorreu há dez anos em meio a terrível tempestade que atingiu a Enseada da Baratária, tempestade que ceifou inúmeras vidas. Porém, é no terceiro e último momento em que a temática da morte assume uma tonalidade nefasta e de maior relevância no enredo. É no desfecho do conto que a morte de mlle. Duvigné chega “sem nenhum aviso!” (CHOPIN, 2011, p. 101).

O efeito da notícia da morte de Claire causou em Tonie uma série de sensações divergentes; e depois da sensação de que estava morrendo, estranhamente, ele passou a se sentir tranquilo como não se sentia desde o momento em que se apaixonou por ela. Ao invés de causar tristeza, a morte de Claire traz alegria ao pescador porque é somente através da morte que ele consegue concretizar o seu amor

“E, infelizmente, [...], Tonie encontra serenidade somente quando Claire literalmente deixa de existir – embora, de fato, Claire, como uma mulher real nunca existiu realmente para ele, e é isso que é tão perigoso para os dois” (STEIN, 2005, p. 91, tradução nossa)⁵⁴.

A morte de Claire permitiu a Tonie a paz que a presença dela lhe roubava e, nesse sentido, a relação perigosa enviesada de prazer e dor evoca a morte como única possibilidade de união do casal, sobretudo porque

Dyer vê na resposta de Tonie em relação à morte de Claire um sinal de sua perversidade, e é desnecessário dizer que seu pensamento é bizarro e assustador, pois ele fica contente ao descobrir que a doença realizou o que ele mesmo não conseguiu (STEIN, 2005, p. 91, tradução nossa)⁵⁵.

A temática da morte é representada de maneira ambígua quando o pescador diz à sua mãe que somente a morte lhe traria paz diante da infelicidade de viver uma paixão

⁵⁴ “And, sadly, [...], Tonie finds serenity only when Claire herself literally ceases to exist-though, indeed, Claire as an actual woman never has really existed for him, and that is what is so dangerous for them both”.

⁵⁵ “Dyer sees Tonie's response to Claire's death as a sign of his perversity, and needless to say, his thinking is bizarre and chilling, as he is pleased to discover that illness has accomplished what he himself was unable to”.

não correspondida, pois, na verdade, Tonie não estava se referindo à sua própria morte e sim à morte de mademoiselle Duvigné.

Considerações finais

A tessitura gótica em “At Chênrière Caminada” está delineada e escondida por trás de uma história de amor, que nasce no solo sagrado de uma igreja gótica e tem como cenário uma ilha paradisíaca, cuja beleza é ornamentada pela fantasmagoria e pela imagem da morte. A partir dos aspectos considerados na análise – a manifestação do sublime, a ambientação das Trevas e a temática da morte –, pode-se constatar alguns traços da ficção de terror que estão presentes, implicitamente, nas instâncias narrativas com significações críticas e desarticuladoras igualmente implícitas e concluir que cada um dos elementos analisados contribui para compor a imagem crepuscular do conto.

Referências bibliográficas

BEER, Janet. **Kate Chopin, Edith Wharton and Charlotte Perkins Gilman: Studies in Short Fiction**. New York: Palgrave Macmillan, 1997.

BOTTING, Fred. **Gothic**. 2. ed. London: New York: Routledge, 2014 (The New Critical Idiom).

_____. **Gothic**. The New Critical Idiom, London / New York: Routledge, 1996.

BROSE, Elizabeth R.Z; CARDOSO, Betina Mariante; VIÉGAS-FARIA, Beatriz (orgs). **Kate Chopin: contos traduzidos e comentados – estudos literários e humanidades médicas**. Porto Alegre: Casa Editorial Luminara, 2011.

BURKE, Edmund. Of the Sublime. In: SAGE, Victor (ed.). **The Gothick Novel**. London: Macmillan, 1990, pp. 33-38.

_____. **Uma investigação filosófica sobre a origem de nossas ideias do sublime e do belo**. Trad. Enid Abreu. Campinas: Editora da UNICAMP, 2013.

CHOPIN, Kate. **A night in Acadie**. New York: Garrett Press, 1968.

_____. **O despertar**. Trad. Carmen Lúcia Foltran. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

_____. **Wiser Than a God**. In: SEYERSTED, Per (ed.). **The Complete Works of Kate Chopin**. Baton Rouge (LA): Louisiana State University Press, 1988 (Southern Literary Studies), pp. 39-47.

GEORGE, Jessica Bridget. **The Whole Island Seems Changed: A Bioregional Approach to Kate Chopin's Fiction**. *The Journal of the Midwest Modern Language Association*, vol. 49, no. 1, 2016, pp. 25–51. JSTOR, www.jstor.org/stable/44134675. Acesso em 29 jul. 2018.

GILBERT, Sandra; GUBAR, Susan. **The Madwoman in the Attic: The Woman Writer and the Nineteenth-Century Literary Imagination**. London: Yale University, 1984.

MARTINS, Maria Helena. Na Chênrière Caminada: caminhos da leitura. In BROSE, Elizabeth R.Z; CARDOSO, Betina Mariante; VIÉGAS-FARIA, Beatriz (orgs). **Kate Chopin: contos traduzidos e comentados – estudos literários e humanidades médicas**. Porto Alegre: Casa Editorial Luminara, 2011.

MOSCOVICH, Cíntia. Os transcendentos significados da contística de Kate Chopin. In BROSE, Elizabeth R.Z; CARDOSO, Betina Mariante; VIÉGAS-FARIA, Beatriz (orgs). **Kate Chopin: contos traduzidos e comentados – estudos literários e humanidades médicas**. Porto Alegre: Casa Editorial Luminara, 2011.

QUINELO, Adriana Ruggeri; GUERRA, Henrique. Na Chênrière Caminada. In BROSE, Elizabeth R.Z; CARDOSO, Betina Mariante; VIÉGAS-FARIA, Beatriz (orgs). **Kate Chopin: contos traduzidos e comentados – estudos literários e humanidades médicas**. Porto Alegre: Casa Editorial Luminara, 2011.

ROSSI, Aparecido Donizete. **Imagens góticas na obra de Kate Chopin: o capítulo 13 de O despertar**. Anais do SILEL. Uberlândia: EDUFU, v. 3, n. 1, p. 1, 2013.

_____. **Segredos do Sótão: Feminismo e Escritura na obra de Kate Chopin**. 2011. Tese (Doutorado em Estudos Literários). Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (FCL-Ar), Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Araraquara, SP.

_____. **Seria a pena uma metáfora do falo? Ou a inquietante presença da mulher na literatura**. ÍCONE - Revista de Letras, São Luís de Montes Belos, v. 1, p. 20-41, dez. 2007.

_____. **Sob a égide de Afrodite: o espaço feminino em O despertar, de Kate Chopin**. Revista de Letras, São Paulo: UNESP, v. 50, n. 1, p. 199 – 215, jan. – jun. 2010.

_____. **The Gothic in Kate Chopin**. Kate Chopin in Context: New Approaches. Edited by Kate O’Donoghue and Heather Ostman, Palgrave Macmillan, 2015, pp. 65- 82. ResearchGate, doi: 10.1057/9781137543967_5. Acesso em 20 jul. 2018.

SEYERSTED, Per. **Kate Chopin. A Critical Biography**. Baton Rouge (LA): Louisiana State University Press, 1980.

STEIN, Allen F. **Women and Autonomy in Kate Chopin’s Short Fiction**. New York: Peter Lang. 2005.

TOTH, Emily; SEYERSTED, Per. (ed.). **Kate Chopin’s Private Papers**. Bloomington (IN); Indianapolis (IN): Indiana University Press, 1998.

WALPOLE, Horace. **O castelo de Otranto**. Trad. Alberto Alexandre Martins. São Paulo: Nova Alexandria, 1996.